

O
CARAPUCEIRO

28 DE SETEMBRO
DE 1833



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Pargere personis, dicere de vitiis,
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare i nsta Folha as regras boas,
Que he das viçoes fallar, naõ das passas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR J. N. DE MELLO NA TYPOGRAFIA FIDEDEDIGNA.

O FILOZOFISMO.

Huma cousa he a Filozofia, e ou-
cousa he o Filozofismo. A Filo-
zofia he o amor da sabedoria, que
nos leva a descobrir as causas, e effei-
tos, assim de objectos fizicos, co-
mo mœnias por meio da razão, mas
sem orgulho; e demasiada confiança
em nossas próprias forças: o Filozis-
mo he o abuso e proprio requintado,
que nos faz a confiar sobremanei-
ra em "nós mesmos", constituinto e
inibindo o vazio á razão universal. A já
primeira fórmula homero circunspecto,
e prudente, e cauteloso; o segundo chega a dizer — *Naõ há Deos*; final-
torna-o arrogante, presumptoso
e cabeçaçudo. A Filozofia, modesta
e humilde para muitas vezes na inca-
zaçao da natureza, e convencida da
sua ignorancia, diz a cada passo —

*Naõ sei: o Filozofismo, sempre in-
fatuado, tudo pesquiza, tudo quer pe-
netrar: — que he apercepcão
diz atrevidamente — *Naõ entendo
cousa; logo he impossivel, que exista.*
A Filozofia parte sempre do conheci-
mento do Creador para explicar, quão-
to cabe na curtidade humana, os fe-
nomenos da natureza, e muitas vezes,
penetrada da insufficiencia da razão
humana, exclama com o Apostolo —
*O' altitudo deitiarum sapientias. et
scientiarum Dei!* O Filozofismo recorre
à já creature, consta grandemente nas
suis idéas, enche-se de vaidade, e
chega a dizer — *Naõ há Deos*; final-
mente a Filozofia forma Las Casas,
Penelons, e Vicentes de Paula, o Filo-
zofismo gera Dantons, Eglantines,
e Marats.*

E como está isolado deste Filoz.

fismo o nosso Brasil! As pestiferas doutrinas ante-religiosas, e immóraes, que tantos horrores derramárao sobre a França nos días luctuosos, em que huma infame prostituta foi endezada, e posta sobre o throno do Deos vivo, começão a generalizar-se entre nós. O perversissimo *Systema da Natureza*, o *Le Bon Sen*, o despejado *Parny*, o torpe *Cuateur*, etc. etc. já sã procurados, e lidos com sofreguidão por huma grande parte da nossa inexperta, e nã escarmientada Mocidade. Até (quem tal diria?) já se vende a quem queira o ridículo, e sarcastico livrinho, intitulado — *Carta ao Papá* — que se diz ser obra do apostata, e autorat Talleyrand. As mesmas causas em identicas circunstâncias produzem infalivelmente os mesmos efeitos. Essas doutrinas do Atheismo, e Materialismo, essas doutrinas subversivas da Religião, e bons costumes deturpárao, e deitárao a perder.

Revolução Franceza — Ias comeca-
sos os mais lizongeiros auspícios, vulcanizárao as cabeças dos differentes demagogos, desprendêrao todas as paixões, sanctificárao os crimes mais hediondos, e alagárao de sanguine o paiz mais culto da Europa: e o que devemos esperar, que produzaõ no nosso Brazil?

Pensaõ alguns, que nã he dado ser Liberal sem ao mesmo passo estar alisado nas bananeras do Filozofismo; que nã pôde ser bom Patriota quem nã despruzá a Religião. Quanto se enganão esses miseraveis! Tudo isto he tão pelo vez, que a Religião he o firme alicerce da Liberdade, e o Evangelho he o Código mais puro, e perfeito Liberalis-

mo; de maneira que a Liberdade, que se nã estriba na Religião, he desenvoltura, he anarquia, he desordem. Se qualquier Sociedade, e composta de verdadeiros crentes do Evangelho, ver-se-hia estabelecida a celebre Republica de Platão: e na verdade que a Religião de um Fénelon he mais que sufficiente para felicitar ao Gênero humano.

Entre tanto nã falta quem se arrogue o titulo de Filozofo, quando a os olhos da sã razaõ nã he outra cousa, se nã hum grandissimo tollo. Quê lastim' que causa ver hum rapazola, ainda nugento na vida litteraria, que apenas tem fraquissimas noções dos Estudos Preliminares, mui ancho, e autoritativo mofando da Sancta Religião de seus Pais! Eulano (dizem alguns) he hum grande homem: sabe muito; diz, que J. C. nunca foi Deos, e homem; porque tres idéas nã lhe entraõ na iluminada cabeça; que a Confissão Sacramental he huma selvacaria, dos Padres, etc. etc.: he hum Filozof consumado: mas eu digo, que nã he mais, de que huma vilha, a mór parte das vezes, de policia.

Sicrano he hum moço de vastos conhecimentos, le Filozof de madchêa; porque? Porque ie sustenta, q' nã há Deos, porque propagou muito, principalmente se v. *Iadamas*, e diz, que a alma é a "ja natureza, e propriedade elle conhecimento, que as palmas das suas mãos, tido creou, fizendo delle por cego

o picio hum homem, quando bem podera formar juamento: he profundo Filozof; porque sabe repetir e ouvida, que a su'alma nã se diringue d' alma de hum cachorro; q'

chegada a morte, tudo, que há no homem se decompõe, e dissolve; pelo que em quanto respiramos, cuide cada homem passar bem, em desfazeres, gente quem gemer, custe o que custar.

Outro entra na Igreja mais pintado, e desembainhado, que se fizer em h' m theatro. Dá as costas a o Santissimo Sacramento, desenrola o aromatico lenço, telegrafo do seu namorico; tem os olhos cravados na pecorazinha, que o enfeitiça; faz continuos biôcos, e ademanes ridiculos; não tem o menor respeito, nem ao Publico, nem os Augustos Mysterios da Religiao Sancta; e tudo isto faz; porque é hum moço desabusado, e Filozofo. Mas para que he mudar os nomes ás cousas? Não fôra mais exacto dar-lhe a verdadeira denominação, que he *mal-creado, e franchinote?* Sujeito há, que em se achando em roda de Senhoritas, assanha-se-lhe a mania filozofante. *Mette as botas na Sagrada Escritura, expicha completamente a todos os Santos Padres, e Teologos*, que no seu sabio conceito forão todos hums pedaços d' asno; ri ironicamente das devoções populares; ardela de se não Confessar, nem ouvir Missa des de que fez a ultima mudar; e tudo isto diz, e pratica; por que é hum Filozofo chapado. Verdade he, que é palavrâa muito sobre gente, que he o seu forte; tece grandes elogios a moral; e dando infinito valor a meras frazes, e palavras estereis, nenhum credo lhe merece o Ente Supremo, é a unica da solida moral!!! Mettem se a decidir de tudo individuos, que ignorão as cousas mais triviaes, q

todos os dias estão vendo; querem dar a sua acanhadissima rasaõ huma intensidade, superior á dos sabios mais respeitaveis; tudo decidem de estalo, em tanto que hum Tacito, por ex., tão conhecedor do espirito humano, apezar de não ser alumado pelo brilhante farol da Revelação, soube dizer — *Sanctius est, ac reverentius de actis deorum credere, quam investigare* —: a respeito do que Deos faz mais religioso, e respeitoso he crer, do que investigar. Eis o verdadeiro Filozofo; tudo, q' não he isto, he prezumpçao, e loucura.

Finalmente parece', que o Filozofismo entra na ordem das modas. Até há quem chame Filozofo a hum homem; porque não corta as unhas, traz a barba crescida, e suja, não cuida no seu vestuario, nem no arranjo da sua caza, etc.; quando o nome proprio, e comezinho de tal sujeito deve ser sem mais franjas — *porcalh* õ. —

CASO MARAVILHOSO

Em huma noite das passadas, em que houve delicioso luar, ia hum matuto no seu cavallinho pelo pateo do Colegio, encaminhando-se para a pracinha do Livramento: ao embocar porém no beco da Congregação, antolha-se-lhe huma fantasma preta, que para elle indireitava com passos arrestandos. O cavallo, que era hum pouco passarinheiro, refuzou espantado, entrou a os saltos, e o pobre matuto enleado d' aquella visão, e revrando, que se lhe aproximava mais soltou o par de mandibulas, e urrou horrivelmente — *Aqui d' El Rei* — o que a scatibella da

guarda chamou ás armas, cujo Comandante destacou 4 soldados, e o Cabo a fim de irem reconhecer aquela bizarma, a qual, vendo o rebolique, parou no meio do adro: os soldados marchavam conjecturando o q' aquillo fosse: hum dizia, que era o Cruzeiro da Penha, que havia ressuscitado de capote; outro porfiava que era Pinto Madeira, que fogido do Ceará, vinha fazer mèlo cá a os meninos. O matuto, que a esse tempo já tinha ido á terra com os pinotes do cavallinho, jurava, e teimava de longe, que aquillo não era outra cousa, se não a alma da defunta ponte dos Carvalhos, em vingança das muitas pragas, que lhe rogoi a ultima vez, que por ella passou; e vencendo-se, a esconjurava incessantemente. Chegáraõ os soldados, e reconhecendo a extraordinaria figura, que pensaes vós, que era, meus muito respeitaveis Leitores? Era huma nympa girovaga, huma filha de Jerusalem, q' se passava toda dengue com seu timão preto, o qual to sobre o alteroso pente, tinha causado todo aquelle espanto. O matuto ainda agora se berre do tamanho do pente, e asseverou-me ser maior, do que huma repartideira de engenho com cabo, e tudo.

ANUNCIO

Tem de ser dado á luz um novo Periodico Politico, Moral, Litterario, e Noticioso intitulado - A QUOTIDIANA FIDEDEIGNA - o qual sahirá todos os dias titéis ao jamanhcer. Elle conterá as Leis, e Decretos

mais interessantes d'Assembléa General, Correspondencias, que nad' to quem na vida privada; seja de quem for, devendo estas ser assinadas, e reconhecidas; Anúncios particulares, Entidades, e Saídas d'Embarcações, e Viagos, quer Politicos, que se não deslizem do actual governo do Brasil, quer de Litteratura, e Moral. O preço da assignatura mensal será de 600 reis, pagos adiantados, como he de costume. Os Senhores Assignantes terão a regalia a publicar gratis os seus anúncios, e correspondencias até 50 linhas impressas; e os que o não forem pagaráõ 20 réis por cada huma.

Logo, que o numero dos Assignantes chegue para pagar as despezas da Typografia, prometemos publicar os preços correntes desta Praça uma vez por semana; e bem assim transcreveremos de outros Periodicos aquelles Artigos, cuja ablegação for interessante, assim como notícias estrangeiras, etc. As assignaturas serão feitas unicamente nesta Typografia, onde tão bem se hão de receber as correspondencias e anúncios.

O dia da saída d'el. N.º será anúncio.

A Typ. Fidedigna de J. N. de Melo, R. das Flores D. 17.